

# ALVORADA

SEMANÁRIO REPUBLICANO

3.º Ano—N.º 132

Editor, Abel de Vasconcelos Cardozo

Director e proprietário, A. L. de Carvalho

S. da R., Capitão L. A. Pina Guimarães

Redacção e administração, Rua da República

Guimarães, 29 de Maio de 1913

Comp. e impressão, Tip. Minerva Vimaranesse

## A dispersão da verdade

Eu nunca me resolveria a contar o drama psicológico deste meu estranho amigo, se a trivial necrologia em que o jornalismo levianamente o apodava de «inteligência robusta e carácter firme», não me sacudisse numa irritação funda. Sei que teve filhos, mas nada perderão esses com a dolorosa revelação a que a lialdade me obriga, não tanto pelo cuidado que perei em ocultar o nome de tam fantástico ser, como porque certo é que morreu sem vintém — e sempre os escorraços do seu espírito como teias embaraçantes do impeto selvagem que animava as suas desordenadas paixões.

Raramente o amor subiu a semelhante grau de intensidade, medido pelo heroísmo com que lhe sacrificava os bens e as convenções da terra. Mas talvez porque durasse séculos no espaço duma só manhã, descia vertiginosamente a ponto dele passar pela amante horas depois dum rompimento brusco, sem que na epiderme lhe tocasse a mais ligeira impressão.

Há dois meses que deitaram a sua carne ao cemitério. Garantiu-me o porteiro que ainda até hoje não sorriu sobre a lousa nem uma flor. Pois firmemente o creio — todas as mulheres que a sua electricidade afectiva venceu e iluminou não o esquecerão jamais. Do seu amor ficaria sempre a amargura sublime que os mais corajosos esforços não arrancam da memória. Na intimidade transfigurava-se, melhor que ninguém elas viram a auréola fulgurante e caprichosa da loucura que cercava a sua frente, mas tam simples e natural e humana loucura que todo o outro mundo lhes pareceria depois uma complicação monstruosa.

Vou reproduzir, com a possível fidelidade, o que elle de si me disse na antevéspera da morte, entendido na cama, numa serenidade de contente, apenas interrompida para certificar-se com visível alegria de que «ia sendo cadáver». Julgo prestar assim à sua memória o culto augusto da verdade.

—«Que há dois homens no homem é coisa barata já na psicologia e excelentemente aproveitada no romance. Foi diante do cadáver de seu irmão Henrique, ao ouvir o pai exclamar aflito — «Morreu» — que Alphonse Daudet, paternalmente comovido, foi apresentado a Alphonse Daudet que como impassível crítico notava — este grito de meu pai enchia uma peça e arrebatava uma plateia.

Ah! se eu tivera apenas um outro eu... Não seria difícil conhecê-lo tam bem ou melhor do que a mim próprio. Aguardaria pacientemente a sua chegada, seguia as suas determinações — que me habituára a saber implacáveis — e retomava o lugar quando a cadeira estivesse vazia. Um outro eu alegre (e supõe melancólico o meu eu primeiro) e estroina viria

quebrar o tédio das horas sombrias da existência. Era um companheiro. Algumas vezes, por causa d'ele, acordaria na esquadra, agüentaria o desfôrço dum marido ultrajado; eu sei: dívidas a pagar, reparações morais... Mas que diabo! Os nossos amigos não nos saem mais cómodos afinal. Seria pacatamente doce viver assim.

Não, não, o que eu sofri era horrível. Dentro em mim havia inúmeras consciências diversas, uma vontade tão repartida, fragmentária, insoldável que eu nunca reproduziria num mapa as linhas gerais e tortuosíssimas das variantes do meu cérebro, dos aspectos do meu coração, para indicar quantos *eus eu fui* mas real e integralmente: por eu vivo da própria existência d'elles. Felizmente a tragédia acaba, sinto a morte libertadora despedaçar dentro de mim a legião de seres que me compõem. Certos não me apatecem ha muito, quantos que eu julgava mortos não resuscitaram todavia abruptamente? Há palavras, cujo alcance verídico não compreendi nunca — indivíduo, personalidade, carácter, — pois não mais fui que um pacífico autómato de que hoje eu tomava conta para entregar amanhã a outro, obedecendo a todos porque todos me dominavam. Havia porém um eu distinto, porventura o que está falando agora, que não só atravessava as vicissitudes de qualquer dos outros, mas era um centro de sofrimento insuportável, por isso que assistia ás rápidas mutações do meu eu como — ah! não há na vossa lingua termos para o exprimir — como se a madeira dum palco tivesse coração para sentir os pés das bailarinas que sobre elle passavam calcando-o. Nesse reciam todos os êrros que os outros praticaram, e inocente pagava os crimes que tentara evitar, eu — que querendo o amor duma só mulher foi adúltero —, eu — que querendo viver honradamente foi ladrão. Tu não me comprehendes.

Havia em mim — que profunda alegria falar já deste modo — houve em mim um sujeito normal, razoavelmente inteligente, honesto segundo a média actual, trabalhador, etc. Um dia, quando era assim, pensei em regular a existência, disposto a lutar decididamente contra a fatal dispersão em que gastara a mocidade. Comprei uma casa. Conquistei uma mulher. Era uma apetitosa morena de lábios frescos, tinha uns seios de bronze, agudos, palpantes, em que fervia a seiva luxuriosa. Dela me ficou a maior impressão de beleza, musculosa, capaz de me ferir com um punhal para enfeitar com as gotas vermelhas o seu cabelo. Vivi um ano na mais absoluta tranquillidade. Saía pouco, não bebia vinho, li, estudei, escrevi para uma revista ponderada um subs-

tancioso artigo sobre umas excavações arqueológicas a que procedera. Regava o meu quintal, era eu que administrava metódicamente as propriedades. Como me levantava cedo, numa certa manhã de inverno, em que consultava no escritório um livro de Mortillet, senti que um outro eu se desprendia de mim, arremessava com desprezo o livro e corria na fúria hallucinadora de se divertir. Só nessa noite gastei meia riqueza. Não voltei a casa, cheguei a esquecer que ali vivera.

Foi então um largo período de boémia sem interesse. E' a mesma coisa sempre — bebia como um carvoeiro, jogava como um falido, amava como um velho...

Uma noite — como e porque? — acordei num leito que comeci estranhando. A meu lado dormia uma criatura loira, geometria de linhas sem expressão para o sentido do amor. Atordoava-me a cabeça o fumo espesso da última orgia. Mas — depressa — exclamei — já indispensável salvar-me deste precipício! Friamente vi que tinha resvalado a uma espécie de crime elegante que não sei se vem nos códigos. Ah! já calculada serenidade com que me levantei para não acordar o borracho que dormia com a loira! Deu-me trabalho achar a roupa — era já outro eu que se movia. Nunca pensei um instante no que iria fazer. Cada eu trazia logo consigo uma invencível fatalidade. Pois se fui encontrar-me hospedado na casa duns humildes lavradores... Comia do seu caldo, exigira que me deixassem dormir no palheiro. Errava pelos montes. Contemplava — sei lá — vegetava. Ouvia os segredos da terra, a canção florida das raparigas. Advoguei à lareira. Patriarcalmente. Ser lavrador, pensava, é toda a filosofia da ventura. A *doirada mediocridade* é como fiel de balança — oscila à mais ligeira tentação. A pobreza é o alheamento, a abstracção do espírito, mas integrando-se fortemente na natureza.

Espera lá: Havia no casal uma pequenita em que o meu espírito concentrara, como se a formassem, a luz calma, embora tam nitidamente colorida dos poentes, o luar silencioso, a aspiração religiosa, a tranquillidade feliz da consciência. Eduquei-a. Ameia-a como nunca amei os meus filhos. Em noites de inverno contava-lhe histórias da carochinha e ensinava-lhe as estações, o que era a trovoadas, dois princípios de higiene que amanhã lhe aproveitariam quando fôsse mãe. Fui com ela a romarias e a esfolhadas.

Uma tarde de sol os pais foram roçar mato. Sabimos ambos um montado. Ela levava a comida, eu o vinho que fôra comprar à venda, uma pinga de estalo.

A pequena estremeceu. Vi nesse estremeçimento a mulher que desperta, a febre do desejo que se agita. E então senti aproximar-se um eu brutal e criminoso, que vinha direito a mim, que eu fitei com desespêro incrível, com quem lutei braço a braço — juro — braço a braço (tam verdade que depois me encontraram ferido), eu que pensou em roubar-me a rapariga. Beije-a na testa paternalmente, religiosamente, com quanta pu-

reza havia no fundo da minha memória.

Estava disposto a morrer pela sua honra. Mas o outro não nos largara, eu via o outro ali espiando como um larápio. Já os seus braços a tomavam amorosamente — és minha, flor — e eu gritava-lhe — larga, fera bruta —. Que se passou então? Violou o outro porventura a mais sagrada criação do meu amor? Nunca o soube — atende meu amigo — porque eu fugi e ignoro se o meu eu selvagem lá ficou ainda. Não sei... Lembro-me que um combóio que chegava à estação desta minha terra me despejou embonecado, de fato inglês, um monóculo e um par de luvas quasi novas.

Vou poder enfim dormir! Odeio as minhas vontades instáveis, odeio as minhas inteligências diferentes, odeio os meus corações rivais. Quantas vezes tentei o suicídio! Mas receava que matasse o meu eu normal, porque era só esse que desejava a morte. E os outros morreriam também? Que sabem disso os homens? Só a morte vindo de fóra, natural, poderá libertar-me. E' a minha vingança — assassino com a minha própria morte os seres que me torturam. Oh! consolo infinito... Não mais ser vítima dos assaltos inesperados da vontade dispersa, nem sentir que me trocam o coração, nem ser escravo de sentimentos que, estando dentro de mim, não são os meus. E se tu, meu amigo, te riste porventura, bem cedo a imagem deste morto te irá dizer ao ouvido — «é ou não verdade?» Bem cedo, inesperadamente... E despedimo-nos.

Eduardo d'Almeida.

## ECOS

### Núpcias

Noticia o «Comércio» que as senhoras do Minho tencionam oferecer ao último Bragança, por ocasião do seu próximo casamento, uma redução, em prata massiça, da estátua de D. Afonso Henriques.

Foi uma idea feliz, e por duas razões:

1.ª porque as senhoras do Minho sempre tiveram uma certa aquela por tudo que cheire... a reis;

2.ª porque se Afonso Henriques abriu a porta aos reis de Portugal, o D. Manuel «tam lindas môças» — fechou-a.

Muito bem pensado. E' uma analogia que o deve envaidecer — não acham, minhas senhoras?

### Transcrição

O Radical, de Louzada, transcreveu parte dum nosso artigo aqui publicado sobre a «Juventude Degenerada», vulgo, juventude católica.

E' que lá o perigo alastra como por aqui — embora elles sejam tam míseros e mesquinhos que não saibam interpretar o espirito do seu tempo.

### Os senhorios

Por causa, ou melhor, sob pretexto da lei de contribuição predial, os senhorios (em Lisboa, principalmente) fizeram aumentos escandalosos às rendas dos seus inquilinos. Natural seria que os donos das casas sobrecarregassem as rendas com o aumento que pela referida lei foram atingidos, não sem que se não lembrassem ao mesmo tempo de que foi abolida a contribuição de renda de casa, o que também deve ser tomado em conta por os mesmos; fazerem-no, porém, com tanto impudor lá isso é que está a pedir entrave sério e inérgico, de modo a fazer-lhes compreender que, contra o próprio direito de propriedade, um direito maior se levanta — o da justiça ao serviço do povo.

### Com aplauso

O administrador de Fafe soufreu o desaire de ser suspenso do exercício de suas funções por ter feito «vista grossa» deixando que se jogasse durante os dias da feira dos 16.

Bem entendido — se não nos participarem dali que o mesmo administrador venha a ser reintegrado, porque, então, o desaire... será da lei que, sendo expressa e clara, manda exonerar, sem remédio, essa autoridade!

Nada de atitudes dúbias.

### Dá vontade de ...

Passou-se o caso no tribunal de Aveiro.

Porque um jornal, vigoroso e austero, pôs a descoberto uma vilíssima e torpe ohantago em que desde muito se atolava um capitão médico meliciano que isentava mancebos do serviço militar mediante a gorgeta de 50:000 réis, o tribunal daquela cidade, em júri de imprensa, condenou o seu director á cadeia, multa, custas e selos e mais ao pagamento duma indemnização a *somelhanto ornamento* do exército!

Conhecemos bem a questão. Durante os estirados meses que durou a campanha do «Democrata» — é assim como se chama o jornal — nós fomos atentamente buscando orientar o nosso espirito, não tanto pelo flamejar das frases caldeadas em natural indignação, mas pela série de documentos autenticados e valiosos que sucessivamente ali vinham sendo publicados. Abstraindo-nos, pois, de qualquer feição pessoal e olhando simplesmente o facto, a solução única a esperar era esta:

A campanha, tendo sido de todo o ponto justa, puniria, para exemplo, esse médico meliciano! A Republica exigia-o!

Mas não foi assim que sucedeu. E porque? — perguntarão.

Porque... dizem dali uns más linguas — o personagem tem a protecção de uma alta parentela politica.

E digam-nos se isto não dá vontade... de ir para Val de Lobos!





# “ADESA,”

MARAVILHA CIENTÍFICA MODERNA

O «Adesa» limpa automaticamente, e por um processo novo toda a qualidade de metais, prata, ouro, joias e pedras preciosas.



Com o «Adesa», podem limpar-se ao mesmo tempo mais de 50 objectos sem ser preciso empregar pós, pomadas ou outros ingredientes.

Com o «Adesa», acabou a fadiga de esfregar um objecto de cada vez para o limpar.

O «Adesa», não contém nem mercúrio nem ácido, é completamente inofensivo.

O processo «Adesa», é o mais limpo e mais barato.

Nenhuma senhora pode dispensar em sua casa o «Adesa», para limpar as suas pratas, e muito principalmente as suas joias, evitando os perigos de as mandar limpar fora.

(O «ADESA» é breveté em todos os países do mundo, e toda a contrafacção será rigorosamente punida).

Depositário e vendedor exclusivo: Em Guimarães

AUGUSTO CUNHA & C.<sup>a</sup>

O «Adesa» vende-se em caixas, a começar em 200 rs.

## No Chic da Moda

DE

CAMILO ALVES DE ALMEIDA

12, Praça de D. Afonso Henriques, 13 (Antigo Toural)

GUIMARÃES

Modas, fazendas brancas e miudezas. Especialidade em panos brancos, rendas e bordados para enxovais. Chá preto e verde.

## Instituto Médico-Dentário

Rua Formosa, 331 — PORTO

Dr. Gonçalo de Moura e Lopes da Silva

SUCURSAL EM Guimarães

LARGO DA MISERICÓRDIA, 4

CONSULTAS POR **LOPES DA SILVA** cirurgião-dentista, com 22 anos de prática em Consultórios Dentários da Europa e América Ex-professor de Prothese Dentária do Instituto Dentário de Madrid.

A longa prática é garantida de boa execução de todos os trabalhos, sendo garantidos os seus resultados.

DENTADURAS COMPLETAS

(TRABALHOS AMERICANOS)

DENTADURAS SEM CHAPA

PLATINA E CIMENTO

DENTES A PIVOT

OPERAÇÕES SEM DOR

OBTURAÇÕES A OURO

COROAS DE OURO

LIMPEZA DOS DENTES

CONSULTAS todas as quartas-feiras, desde as 11 horas às 6 da tarde; e às quintas-feiras, desde as 9 às 4 da tarde.

## DINHEIRO

Empresta-se sobre penhores na casa penhorista da Rua das Lamelas, n.º 39 a 41 (junto ao tribunal desta cidade), a juro barato.

Seriedade e segredo.

O proprietário,

João Vellozo de Araujo.

## Sapataria Vimaranense

—DE—

António José Mendes

5, Rua Dr. Avelino Germano, 9 (Antiga Rua de S. Paio)

GUIMARÃES

Nesta oficina faz-se e encontra-se um grande sortido de calçado, como: botas para homem, com solas de borracha, ditas de «estar-calf» para homem, em preto ou de côr, ditas de bezérro, preto ou branco, ditas de «chevraux» preto para senhora e um enorme e variado sortido de calçado de luxo para criança, etc., etc.

Livraria editora  
GUIMARÃES & C.<sup>a</sup>

Augusto I. da Cunha Guimarães

Colecção Horas de Leitura

Ultimos volumes publicados (a 200 réis):

22. A Dama das Caméllas, de Dumas, filho (4.ª ed. ilustrada)—47. História de um bello, de Eschrich (2.ª ed.)—73 e 74. A Obra, de Zola—75. Geneveva, de Lamartine—76. Um filho do povo, de Eschrich—77 e 78. O crime do padre Mouret, de Zola—79. Casamentos fidalgos, de Feuillet—18. O Rosquedo, de Delfim Guimarães (2.ª ed.)—80. Amor Trágico, de Abel Hermant—81. A Religiosa, de Diderot—82 a 84. Ana Karenine, de Tolstoi—85 e 86. A besta humana, de Zola—87. O Pescador d'Islandia, de Loti—88. O Refúgio, de Cesar Pôrto.

A Publicar:

Deus e o diabo, de Karr—Fromon, Jr., de Daudet.

Colecção Sociológica

(Últimos volumes publicados (a 300 réis)

VI. A dôr universal, de S. Faure—VII. O amor livre, de Carlos Albert—VIII. O sindicalismo, de H. Leone—IX. A sociedade futura, de J. Grave—X. Palavras dum revoltado, de P. Kropotkine—XI. O capital, de Carlos Marx—XII. Psicologia do militar profissional, de Hamon—XIII. A caminho da união livre, de Naquet.

A sair:

Como falava Zaratustra, de Nietzsche—A grande revolução, de Kropotkine.

Colecção Vitor Hugo

Volumes publicados (a 200 rs. brochados e 320 rs. encadernados)

1 e 2. Os homens do mar—3 a 5. O homem que ri—6 a 13. Os miseráveis 14 e 15. Noventa e três—16 a 18—N.ª Sn.ª de Paris.

A sair:

Bug Jargal—Han-d'Islandia.

Colecção Alegre

Ultimos volumes publicados (a 300 réis)

IV. Histórias garotas, de A. Silvestre—V. Amores e aventuras, de Casanova—VI. Diabruras da mãe Eva, de A. Silvestre—VII. Monstros parisienses, de Catulo Mendés—VIII. e IX. Amores de Fabulas.

# A PRODUTORA VIMARANENSE

Sociedade Cooperativa das Quatro Artes de Construção Civil—Responsabilidade Limitada

Rua 31 de Janeiro—GUIMARÃES

Esta sociedade operária encarrega-se da execução de quaisquer trabalhos concernentes às artes de pedreiro, carpinteiro, caiador e pintor, para os quais dispõe de pessoal habilitadissimo, como na prática se há demonstrado, resultando desta circunstância e da seriedade nos diversos trabalhos, grande economia para os Snrs. proprietários das obras, atendendo às vantagens de que gosam as Sociedades Cooperativas.

Na sua oficina executam-se quaisquer trabalhos avulsos e a preços módicos.

## INTERESSES NO BRAZIL

O Escritório de Direito Internacional, à rua do Hospício n.º 79—Rio de Janeiro—, dirigido pelo dr. Carmo Braga, formado pela Universidade de Coimbra, com longa prática

de advocacia em Portugal e no Brazil, advogado do Banco Aliança do Pôrto, da Beneficência Portuguesa e da Associação dos Empregados no Comércio do Rio de Janeiro, trata especialmente de todas as questões relativas a Direitos e interesses de portugueses no Brazil, inventários, habilitações, partilhas, execução de testamentos, providências para evitar a arrecadação judicial de bens e heranças de ausentes, etc. Também aceita procurações para administração de bens no Rio de Janeiro, cobrança de alugueis, rendas, juros dividendos, compra, venda e hipoteca de prédios, averbamento de papéis de crédito, transferências, etc.

Escritório Filial no Pôrto, dirigido pelo solicitador sr. João Fernandes Amaral,—rua da Fábrica, 78. Para referências em Guimarães—com os srs. Fernandes & Cruz, e com os advogados drs. António do Amaral e João Rocha dos Santos.

## ALVORADA

SEMANARIO REPUBLICANO

Preço da assinatura

Ano . . . . .	1\$200 rs.
Semestre . . . . .	600 "
Brazil, ano (moeda forte) . . . . .	2\$500 "
Número avulso . . . . .	30 "

Preço das publicações

Anuncios e comunicados, por linha . . . . .	40 rs.
Repetição, por linha . . . . .	20 "
Permanentes, contracto convencional. Anuncios, não judiciais, para os srs. assinantes 25 % de abatimento.	

ALVORADA

Ao Cidadão